



miguilim

revista eletrônica do neilli

volume 7, número 2, maio-ago. 2018

(RE)DESCOBERTAS DO AMOR E DA SEXUALIDADE: “DE UM GRANDE AMOR E DE UMA PERDIÇÃO MAIOR AINDA”, DE LETICIA WIERZCHOWSKI



(RE)DISCOVERY OF LOVE AND SEXUALITY: “DE UM GRANDE AMOR E DE UMA PERDIÇÃO MAIOR AINDA”, BY LETICIA WIERZCHOWSKI

Gabriela Fonseca TOFANELO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 04/05/2018 • APROVADO EM 05/08/2018

Resumo

A literatura, especialmente a canônica, enquanto lugar de representações, por muito tempo trouxe à tona personagens envoltas em estereótipos, principalmente no que diz respeito à mulher. Felizmente, essa trajetória vem se alterando e cedendo espaço, cada vez mais, a representações múltiplas condizentes com a contemporaneidade vivida e a grande diversidade de representações. O objetivo desta pesquisa é analisar a personagem Cecília, do romance contemporâneo intitulado *De um grande amor e de uma perdição maior ainda*, da autora Leticia Wierzchowski (2007), tendo em vista as mudanças apresentadas pela personagem na redescoberta de sua sexualidade, tema que se constituiu um tabu por muito tempo, principalmente no que se refere à mulher. Como aporte teórico, a pesquisa utilizou, principalmente, os subsídios da Crítica Feminista, composto por pesquisadoras como Elódia

Xavier, Lúcia Osana Zolin, entre outras, cujo empenho é permitir visibilidade à literatura feita por mulheres em uma sociedade essencialmente dominada por representações femininas nas vozes masculinas. O trabalho também recorreu a pesquisas de Stuart Hall e Zygmunt Bauman na área de identidade e representação.

Abstract

Literature, especially the canonical, as a place of representations, has long brought to the fore characters in stereotypes, especially with regard to women. Fortunately, this trajectory has been changing and giving way, more and more, to multiple representations consistent with the lived contemporaneity and the great diversity of representations. The objective of this research is to analyze the character Cecilia, from the contemporary novel *De um grande amor e de uma perdição maior ainda*, author Leticia Wierzchowski (2007), in view of the changes presented by the character in the rediscovery of his sexuality, a theme that was constituted a taboo for a long time, especially when it comes to women. As a theoretical contribution, the research used, mainly, the Feminist Criticism, composed by researchers such as Elodia Xavier, Lúcia Osana Zolin, among others, whose work is to allow visibility to literature made by women in a society dominated by male representation. The work also resorted to researches by Stuart Hall and Zygmunt Bauman in the area of identity and representation.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina. Leticia Wierzchowski. Sexualidade.

KEYWORDS: Literature of female authorship. Leticia Wierzchowski. Sexuality.

Texto integral

A literatura de autoria feminina

A inserção da mulher no campo literário é relativamente recente. Mais recente ainda é a figuração de mulheres no rol de escritores/as considerados/as “clássicos/as”, como é o caso de Clarice Lispector, Nélide Piñon, Lygia Fagundes Telles, entre outras.

A literatura de autoria feminina, por muito tempo, foi considerada menor face às grandes obras canônicas, dos grandes nomes da literatura nacional, quase sempre masculinos: “no Brasil, como no exterior, a literatura de autoria feminina, de até bem pouco tempo atrás, não existia efetivamente, isto é, não aparecia no cânone tradicional” (ZOLIN, 2005, p. 328).

Essa realidade, felizmente, sofreu grandes mudanças, impulsionadas pelas revoluções do movimento feminista. Os escritos femininos não só passaram a ser reconhecidos como legítimos, mas também valorizados no campo literário e acadêmico, dando abertura para a concretização de muitas linhas de pesquisa, projetos de pesquisa e congressos acerca desse tema no meio acadêmico.

Desde os primórdios da literatura de autoria feminina no Brasil, quando Maria Firmina do Reis publica o romance *Úrsula* (1859), a literatura foi um local de transgressão para a mulher, já que esse território lhe era proibido. Segundo Cíntia Schwantes (2006), no artigo *Dilemas da representação feminina*, isso se torna evidente principalmente quando se analisam obras cujas narradoras são homodiegéticas, em que a mulher narra, ao invés de ser narrada, trazendo à tona outra perspectiva sociocultural, diametralmente oposta em relação àquela sancionada pela sociedade patriarcal:

[...] o narrador homodiegético feminino é, por si só, subversivo, uma vez que a mulher está narrando, ao invés de ser narrada. Há uma interdependência entre personagem e enredo, cada um determinando o outro. Em uma cultura centrada em valores masculinos, as personagens femininas estão encerradas nos “textos da feminilidade”, nos quais elas seguem destinos à sombra dos personagens masculinos, cumprindo as expectativas deles em relação a elas. A narradora homodiegética, ao contrário, cria o espaço necessário ao desenvolvimento de outro tipo de enredo para as protagonistas femininas. (SCHWANTES, 2006, p. 8).

Mas assim como foi longo o percurso para a mulher ter a chance de escrever textos literários, também o foi o caminho que a levou a mudar os rumos das personagens/representações femininas: da mulher objeto, silenciada e oprimida à mulher liberada, envolvida com seus próprios interesses, passando antes pela mulher guerreira para quem a causa da mulher nas sociedades marcadas pela dominação masculina era a principal preocupação.

Antes de o movimento feminista conquistar o direito à voz às mulheres no campo literário, a maioria das mulheres que ingressaram nesse meio ainda estavam presas às formas de pensar da ideologia dominante da época. Como resultado, elas reproduziam personagens femininas tal como as representavam a cultura do patriarcalismo, ou seja, reproduziam, em suas narrativas, os estereótipos de cada sexo, marcado pelas funções restritas de gênero e pela quase ausência de uma postura crítica em relação à própria condição. Essas mulheres, não obstante, destacaram-se por terem se libertado da “proibição” de escrever, do silenciamento que lhes era imposto, caminho este árduo e que as obrigou, muitas vezes, a se valerem de pseudônimos masculinos para serem aceitas no espaço literário, falocêntrico por excelência.

Esse trabalho de resgate histórico foi feito pela pesquisadora brasileira Elódia Xavier (1999), em seu artigo intitulado *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*. A pesquisadora adapta, com algumas alterações de ordem cronológica, a famosa tipologia criada por Elaine Showalter (1985) em relação à literatura de autoria feminina inglesa, na qual ela reconhece aí três fases: a feminina (reduplicação das representações patriarcais da mulher), a feminista (protesto em relação à opressão da mulher imposta pelo patriarcado) e a

fêmea (autodescoberta da mulher e indiferença em relação às práticas ideológicas patriarcais).

No caso da literatura de autoria feminina brasileira, a fase feminina tem início com a publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em 1859:

Com seu estilo gótico-sentimental, perfeitamente enquadrado nos padrões românticos, o romance reduplica os valores patriarcais, construindo um universo onde a donzela frágil e desvalida é disputada pelo bom mocinho e pelo vilão da história. Contrariando os finais felizes, a narrativa termina com a morte da protagonista, vítima da sanha do cruel perseguidor. (XAVIER, 1999, não paginado).

Somente na segunda metade do século XX é que uma nova fase da literatura de autoria feminina brasileira surge. Denominada feminista, ela tem início com a publicação de *Perto do coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector, considerada um marco na literatura brasileira por trazer à tona a discussão acerca da existência de uma identidade feminina na sociedade.

As narrativas dessa nova fase apresentam um tom de problematização de gênero em que se “torna visível a repressão sofrida pelas mulheres nas cotidianas práticas sociais” (XAVIER, 1999, não paginado). Com Clarice Lispector, têm-se narradoras geralmente donas de casas, que passam por um momento de reflexão e questionam os seus papéis dentro da sociedade, dentro de suas casas, inclusive o próprio casamento. À medida que o feminismo prospera, surgem outras escritoras, como Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e Lya Luft, que, ao lado de número bastante considerável de escritoras, também questionam a ideologia patriarcal e as identidades femininas por ela prescritas e/ou sancionadas.

Segundo Xavier (1999, não paginado), “a narrativa de autoria feminina dessa fase se estrutura em torno das relações de gênero, tornando visíveis as assimetrias sociais”. Nos escritos dessas autoras, é inquestionável o tom de angústia das protagonistas, que são, em sua maioria, mulheres presas às amarras sociais e ao espaço doméstico, mas que estão em busca da liberdade da dominação masculina. Portanto, trata-se de uma literatura que representa evidentemente a mudança de mentalidades que o feminismo almejava na época.

Após essa fase mais intensa de protestos e de problematização de gênero, a literatura de autoria feminina a partir dos anos 1990 passa a se preocupar também com outras questões. Marcadas pela autonomia das representações femininas, as narrativas dessa fase denominada fêmea ou mulher “não fazem mais das relações de gênero a origem dos conflitos e indiciam a construção de uma nova identidade liberta do peso da tradição” (XAVIER, 1999, não paginado).

São visíveis as grandes mudanças alcançadas pela literatura de autoria feminina ao se analisar a evolução dessas três fases. De acordo com Zolin (2009, p. 16), essa escrita cede espaço, cada vez mais, para a “reescrita de trajetórias, imagens e desejos femininos”, reconfigurando o modo de a mulher equacionar os

interesses femininos na literatura que engendra, já que os questionamentos acerca dos papéis de gênero não são mais centrais. A produção literária de autoria feminina teve o papel de desestabilizar a tradicional representação da mulher na literatura canônica, cuja imagem em nada condizia com a grande diversidade de identidades femininas que povoa a realidade extraliterária da mulher contemporânea.

Zimmermann (2011) afirma que a relevância da autoria feminina está no fato de que, em seus livros, as autoras fazem emergir personagens femininas envoltas em transgressões e construções de identidades plurais, o que pode ser um indicativo de novas perspectivas de histórias para a literatura.

Questões sobre sexualidade

A abordagem sobre a sexualidade foi inventada e reinventada, muitas vezes, com o passar do tempo e conforme as características de diferentes sociedades e culturas. Desde a antiguidade clássica, há o debate sobre o corpo. Esse período, que foi de inesgotável importância para a sociedade atual, pois é o berço da civilização, da arte, da literatura e da filosofia, tinha, em seus ideais de corpos, a busca pelo belo e pela perfeição.

Segundo Foucault (2001), a cultura clássica enfatiza a necessidade dos indivíduos terem cuidados consigo mesmos, pois seria dessa forma que alcançariam a vida plena. Para cuidar do corpo e da alma, reconheciam na leitura, nas meditações e nos regimes rigorosos de dietas e atividades físicas formas de atingir o ideal de beleza.

Já na Idade Média, em que a Igreja era detentora do saber, influenciando de todas as formas a sociedade, surge uma nova ideologia acerca do corpo e da sexualidade. Perde-se o ideal de beleza greco-romano que passa a ser assunto proibido (DANTAS, 2005). Perrot (2005) afirma que esse ideal se deve ao que é encontrado na Bíblia, no livro de Gênesis, sobre o pecado original, que atribui a culpa ao corpo, fonte de desejo, de pecado e da potência sedutora de Eva.

A partir da Idade Moderna, isto é, com o advento do renascimento e dos ideais iluministas, o progresso científico e a razão passam a dominar o mundo. Abandona-se o ideal do teocentrismo e adota-se o antropocentrismo, ou seja, o Ser humano passa a ser o centro das atenções e o detentor do saber. Dentro dessa perspectiva, o corpo adquire novos significados e se torna objeto de estudo, pois o foco é a ciência. Nos dias atuais, conforme Agostinho Ribeiro (2003, p. 7): “o corpo pós-moderno passou do mundo dos objetos para a esfera do sujeito, assumido e cultivado como um eu-carne, credor de reconhecimento e de glorificação, objeto sujeito de culto”.

Todos os períodos citados acima contribuíram para mudanças significativas na abordagem da questão do corpo e da sexualidade, sobretudo do que se refere ao sexo. Tradicionalmente, a questão do corpo é quase sempre vista a partir das

divisões pré-estabelecidas entre os sexos: o masculino é forte, viril e dominador; e o feminino é frágil, delicado e indefeso.

Essa divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”, como assinala Bourdieu (2005). Ou seja, há uma tradição que impõe determinados lugares de cada sujeito e isso é tratado como natural, normal, criando padrões e ideais que devem ser seguidos pela sociedade.

O sociólogo defende que essa diferença biológica é utilizada para a construção social e histórica acerca do corpo: “é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres” (BOURDIEU, 2005, p. 20).

Ao longo da história literária, a mulher tem sido representada por meio de estereótipos. Ora a mulher é representada como esposa e mãe, exercendo papéis que a ela cabiam na sociedade, cumprindo o “destino de mulher”, para citar Simone de Beauvoir (1980); ora a mulher é representada pelo seu corpo, como objeto de desejo e domínio do homem. Neste caso, ela é quase sempre retratada de forma pejorativa e como causadora do conflito no romance, pelo seu poder de sedução que corrompe o homem. São exemplos deste tipo de representação voltada para corpos e sexualidades Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo; *Lucíola*, de José de Alencar; Marcela, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); e as muitas mulheres das obras de Jorge Amado, como Gabriela, em *Gabriela: cravo e canela* (1958).

É sob essa ótica das desigualdades de gênero da sociedade patriarcal, pensando nos novos rumos tomados a partir dos ideais feministas na década de 1960, que foi analisada a personagem Cecília, do romance *De um grande amor e de uma perdição maior ainda*, de Letícia Wierzchowski (2007), que redescobre a sua sexualidade após o fim de um casamento de muitos anos.

Cecília: a redescoberta

Ambientado em uma pequena cidade, *De um grande amor e de uma perdição maior ainda* retrata a trajetória de Cecília que viveu reclusa por algum tempo após tornar-se viúva de um conhecido deputado da cidade. O romance possui um narrador heterodiegético, onisciente e irônico.

Cecília representa inicialmente uma mulher cujas bases do casamento estão calcadas nos ideais do patriarcalismo. Com uma vida de conforto e uma grande casa com empregados, ela vai cumprindo seu destino de mulher sem manifestar desejos ou opiniões próprias. O estado inicial da personagem é, portanto, marcado pela obediência aos padrões sociais estabelecidos, sobretudo em relação à sua condição no casamento, de modo a sugerir que se trata de representar a mulher segundo os moldes de representação típicos da literatura canônica, erigida segundo os valores tradicionais do patriarcado: submissa, recatada, pudica e centrada no silenciamento. A referência à condição de seu casamento é marcada

pelo fato de o narrador constantemente a referenciar por “viúva do deputado”, “a viúva” ou até mesmo “a viúva do deputado Gomes Alfierrez”, não lhe apontando o seu próprio nome.

Com a morte do marido, decide alterar o curso de sua história: “Depois de vinte anos de fidelidade a um esposo pouco afeito ao sexo [...] Era tempo de ser feliz outra vez, de espanar o pó das juntas e tirar o mofo das entranhas” (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 18).

A angústia da personagem, nesse sentido, vem do fato de se sentir dividida entre o “dever ser” e o “querer ser”. “Dever ser” porque se sente na obrigação de uma conduta mais séria, por ser conhecida como a “viúva do deputado”. E o “querer ser” se refere ao desejo de uma realização sexual que nunca experimentou no casamento.

Da mulher recatada e tradicionalmente destinada ao casamento, ela se torna uma mulher livre dos pré-conceitos sociais. Parece que a personagem é pensada na pena da escritora gaúcha como alguém que, vivendo um processo de construção de si, rompe com a imagem tradicional feminina para, em seu lugar, representar a mulher contemporânea, nesse caso, empenhada em vivenciar sua sexualidade de maneira plena, desvincilhada que está da opressão do casamento calcado nos moldes patriarcais, em que à mulher não cabe desejar, tampouco realizar-se sexualmente.

Essa ruptura na narrativa e na conduta da personagem acontece ao conhecer Bibico Nunes, que lhe apresenta uma nova visão acerca do amor, do desejo e do sexo nunca antes experimentada, sequer cogitada.

As reflexões de Stuart Hall (2005), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, mostram-se adequadas para analisar a trajetória que Cecília percorre nesse processo de construção identitária por que passa, desencadeado pela morte do marido. O teórico expõe três concepções de identidade na modernidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo se configura como totalmente centrado, unificado, racional, com uma identidade fixa e individual. Já o sujeito sociológico tem por base a relação e a interação com o eu, com o outro e com a sociedade. No contexto contemporâneo, todavia, há uma crise de identidades em que esses conceitos não mais dão conta de descrever o sujeito. O indivíduo passou do estágio de identidades unificadas para o de identidades fragmentadas, múltiplas, marcadas por características contraditórias.

O autor projeta a partir daí o sujeito pós-moderno, para quem as identidades se tornam uma “celebração móvel”, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13). O indivíduo, nesse sentido, pode assumir diferentes identidades a cada momento, pois elas não são mais únicas, fixas e permanentes. Segundo o autor:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de

significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13).

Desse modo, pode-se pensar o romance *De um grande amor e de uma perdição maior ainda* como a representação das alterações identitárias da personagem Cecília e, de certo modo, da mulher contemporânea em geral. Em um primeiro momento, a trajetória de Cecília encontra-se atrelada a da mulher pensada no âmbito dos valores da sociedade patriarcal, em que a identidade da mulher era delineada para o casamento e seus desdobramentos. A viuvez abre-lhe caminho para a guinada que a colocará em perspectiva de se redescobrir.

Cecília era “carente de experiências aproveitáveis nesse inexpugnável terreno da prática sexual” (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 30). Por isso, a sua busca identitária possibilita a redescoberta da sexualidade e a possibilidade de abandonar o posto de “viúva” e se tornando “liberta das amarras daquele casamento monótono” (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 18).

Apesar de se descobrir apaixonada pelo exótico Bibico Nunes, negro, de olhos azuis e de cabelos lisos e louros, descrito como “o galã que era muito boa gente e amante melhor ainda” (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 12), a protagonista sabia de sua fama com as mulheres: “coleccionador de amores, tinha compromissos carnavais agendados para mais de mês” (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 15), como ele mesmo afirma:

Olha, minha dama, tenho umas namoradas por aí. Mas é tudo sem compromisso – Nem mesmo ele podia assegurar com certeza o número de mulheres que flanavam pela sua vida naquele momento. (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 29).

Contudo, isso não a impediu de viver a nova experiência, diz: “casamento só traz desprazer e monotonia. Aliás, acabei de sair de um, e dos longos, Deus me livre de outro” (WIERZCHOWSKI, 2007, p. 29).

O relacionamento aberto que o casal se propõe a viver, configurado por meio de um curioso acordo que chama a atenção por ter dias pré-determinados para o encontro (segunda, quartas, sextas e sábados à noite), implica a ruptura com os códigos matrimoniais a que a protagonista já havia vivenciado. Do mesmo modo, ao parceiro, implica a continuidade de sua vida boêmia ao lado de outras mulheres nos dias e horários livres, que o leva, inclusive a se casar com outra e ter filho.

Dessa forma, o romance se configura como um convite à revisão dos valores tradicionais que aprisionam, sobretudo, a mulher, garantindo outras condutas que não as das regras sociais que regem o casamento.

O fato de o narrador, constantemente, revelar-se irônico, mostra-se importante para a narrativa sobretudo ao final, cujo desfecho se dá com a morte de Bibico Nunes, em uma quinta-feira, um dos dias que não constava no calendário combinado de encontros do casal, e, desse modo, Cecília não pode comparecer ao velório.

Em consonância com as reflexões de Hall (2005), o romance *De um grande amor e de uma perdição maior ainda*, de Leticia Wierzchowski, traz para a seara das representações literárias o flagrante do momento em que as mulheres contemporâneas se dão conta, certamente em uma espécie de consequência das conquistas libertárias do feminismo, de que não precisam necessariamente cumprir a rota que a ideologia patriarcal traçara para seu sexo desde os mais remotos tempos. Ao se dar conta de que as vivências femininas, bem como suas inclinações identitárias, desejos e sonhos, são móveis e passíveis de mudanças, Cecília representa, certamente, uma boa parcela das mulheres contemporâneas da realidade extraliterária. Para elas, há novas facetas femininas que dizem respeito aos âmbitos profissional, afetivo, intelectual, sexual, livrando-as da imposição da identidade fixa da mãe/esposa a que estavam condicionadas e obrigadas por tanto tempo.

O sociólogo contemporâneo Zigmunt Bauman (2004), em *Amores líquidos*, denomina o período atual de modernidade líquida, marcada pela extrema fragilidade dos laços humanos, em que nada é feito para durar. Segundo o autor, é um mundo de incertezas, cada um por si. Os relacionamentos são instáveis, pois as relações humanas estão cada vez mais flexíveis e passageiras.

E nessa conjuntura, alguns modelos se encontram ultrapassados: “no admirável mundo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2004, p. 33). Esse trecho serve muito bem para se pensar a condição da mulher que sempre teve sua vida alicerçada em normas da ideologia patriarcal que ditavam, e ainda ditam, condutas a serem seguidas, conforme problematizamos nesta pesquisa por meio das representações empreendidas no romance de Leticia Wierzchowski.

Mesmo que ainda não seja por completo, a sociedade está em crescente busca pela igualdade sexual ou igualdade de direitos entre os sexos. O fato de o sexo atualmente se desvincular do único objetivo da reprodução aponta para a nova mentalidade da mulher que não mais se dobra aos papéis de gênero que a sociedade até hoje impõe, como é o caso da maternidade compulsória e sua relação consequente com o casamento e com o cuidado dos filhos. É como Giddens (1993, p.10) define: “uma sexualidade descentralizada liberta das necessidades de reprodução”.

No pós-modernismo, como bem defende o sociólogo Alain Touraine (2007), em *O mundo das mulheres*, há uma inversão social: a sociedade se transforma em um “mundo das mulheres”, em que cada uma possui consciência de si e do que quer (TOURAINÉ, 2007). As mulheres passam da consciência de objetos à consciência de sujeitos, imbuídas do desejo de construção de si mesmas enquanto “sujeitos livres e pensam que é através da sexualidade que se realiza este esforço

de construção, que decidiram derrubar a dominação [...] e que negaram o lugar central concedido tradicionalmente ao homem” (TOURAINÉ, 2007, p. 43).

A literatura de autoria feminina se vê, dessa maneira, com o dever de legitimar as representações das mulheres e de alterar os paradigmas de um campo dominado por homens e permeado por estereótipos acerca do papel da mulher. Talvez pareça uma atitude antiliterária falar em “dever” da literatura, há que se considerar que o fato de a mulher ter sido cerceada por milênios do direito de se expressar, de representar e se autorrepresentar, mas, da perspectiva feminismo crítico-literário, é certamente bem coerente tal engajamento de motivação ética. Nesse caso, o ético é estético.

De acordo com Touraine (2007), para combater essa imagem de feminilidade imposta à mulher, deve haver um esforço de libertação e de formação de condutas independentes, o que culminaria na mudança da *mulher-para-o-outro* (Cecília durante o casamento) para a *mulher-para-ela-mesma* (Cecília após o casamento).

E, ainda, revela o autor que agora as mulheres se colocam diante delas mesmas, têm consciência de si e do que querem ser. A imagem da mulher passa a ser superada, portanto, é vista, primeiro, como destruição da construção da imagem feminina a partir da diferença, da oposição ao homem (TOURAINÉ, 2007).

A personagem analisada nesse tópico é responsável por transformar seu projeto da própria identidade de modo pleno e aponta para a reescritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. Trata-se de personagem libertária, construídas a partir de uma concepção feminista do modo de estar da mulher na sociedade.

Há que se notar, portanto, que a literatura de autoria feminina brasileira, nessa pesquisa representada por Leticia Wierzchowski, tem feito emergir na contemporaneidade representações variadas de imagens femininas diferentes daquelas reduzidas a estereótipos calcados nas ideologias patriarcais.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DANTAS, Estélio Henrique Martin. *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Thomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RIBEIRO, Agostinho. *O corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. *OPIS – Revista do NIESC*, Catalão-GO, v. 6, n.1, p. 7-19, 2006.

SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own*. New Jersey: Princeton UP, 1985.

TOURAINÉ, Alain. *O Mundo das Mulheres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WIERZCHOWSKI, Leticia. *De um grande amor e de uma perdição maior ainda*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória. *Revista Mulheres e Literatura*, Rio de Janeiro, v. 3, não paginado, 1999.

ZIMMERMANN, Tânia Regina. Resenha de ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salete R. P dos (Org.). *Mulher e Literatura: história, gênero e sexualidade*. Caxias do Sul: Educ, 2010, 264 p. *Revista Estudos Amazônicos*, Belém, v. VI, n. 2, p. 166-172, 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina: In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 327-336.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009.

Para citar este artigo

TOFANELO, Gabriela Fonseca. (Re)descobertas do amor e da sexualidade: “De um grande amor e de uma perdição maior ainda”, de Leticia Wierzchowski. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 2, p. 393-403, maio-ago. 2018.

A autora

Gabriela Fonseca Tofanelo é mestra e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do grupo de pesquisa “Literatura de autoria feminina contemporânea: Escolhas incluídas?”, coordenado pela pesquisadora Lúcia Osana Zolin, da Universidade Estadual de Maringá.